

FH, o faz-tudo do Governo FH

BRASÍLIA — Os congressistas já têm um modelo para o estilo do presidente Fernando Henrique que governar: arma a jogada, bate o escanteio, corre para dentro da área e tenta cabecear. Enfim, joga em todas as posições. Concentra nele o papel de presidente, chanceler, ministro da Economia, articulador político, comunicador e ainda cuida da política social do Governo. Sempre tem um bom discurso, é atencioso e parece concordar com o interlocutor quando ouve opiniões sobre um assunto, mas na hora de decidir, prefere ficar sozinho.

Desde a montagem do Governo, Fernando Henrique mostrou que sua intenção era centralizar as principais funções. Como ex-ministro da Fazenda e responsável pelo Plano Real, o presidente escolheu para o cargo não um político como ele, mas um técnico como Pedro Malan. No Itamaraty, colocou seu ex-secretário-geral Luiz Felipe Lampreia. Para a área social, escalou a mulher, Ruth Cardoso. Apos-tou na capacidade de comunicação exercitada durante a campanha para manter a popularidade do Governo em alta e, além disso, não cedeu às pressões para nomear um articulador político. Enfim, nada que pudesse colocar em dúvida que quem manda é o presidente.

Se na área internacional a postura de chanceler é bem vista pelos diplomatas nacionais e estrangeiros, no papel de articulador político a avaliação que ele recebe é bem menor que a nota 7 que ele mesmo se deu como professor na sala de aula em Santa Maria da Vitória (BA). Deputados e senadores avaliam que não cabe ao presidente fazer o meio-campo, além de dar a primeira e a última palavra sobre todos os assuntos.

O líder do PL, Waldemar Costa Neto (SP), depois de uma audiência com o secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge, para tratar do preenchimento do segundo escalão, saiu impressionado. Disse que Eduardo Jorge repetiu, pelo menos dez vezes, a mesma frase: "o presidente é quem decide".

— Tudo no Governo é o Fernando Henrique. Chega uma hora que não dá. Acho que ele está centralizando demais — disse Costa Neto após a reunião do Conselho Político.

Um senador do PMDB que não quis se identificar concorda:

— Ele não pode fazer tudo. O presidente tem que estar num patamar mais alto, dar a última palavra.

O Senador Gilberto Miranda acrescenta:

— Ele tem jogado em todas as posições. Só que, como no futebol, não é possível ser craque em tudo.

Cada parlamentar guarda um exemplo da centralização que tomou conta do Executivo. Como, por exemplo, quando o próprio presidente foi à TV dizer que vetaria o salário-mínimo, num pronunciamento que caberia melhor ao ministro da Fazenda, que serviria de anteparo para evitar o desgaste do presidente junto à opinião pública.

